

## O Perfil do Educador Popular da EJA no Discurso de Jovens Operários - Educandos do Projeto Escola Zé Peão<sup>1</sup>

### The profile of the popular educator from YAE at the discourse of young labors – students from project Zé Peão school project

Eduardo Jorge Lopes da Silva<sup>2</sup> Liliane Oliveira Lira<sup>3</sup>  
Gessica Maria Silva de Lima<sup>4</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo identificar enunciados presentes nos discursos dos jovens educandos-operários da construção civil sobre o perfil de educadores para atuar na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). De abordagem qualitativa, teve como lócus o Projeto Escola Zé Peão (PEZP), projeto de extensão que há mais de 26 anos atua em parceria entre a Universidade Federal da Paraíba – Câmpus I/Centro de Educação e o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil, Pesada, Montagem e do Mobiliário de João Pessoa e Regiões (Sintricom). Teoricamente, a pesquisa foi fundamentada nos estudos de Freire (2005), Resende (2004), Silva (2011), Arroyo (2005), entre outros estudiosos, e na legislação pertinente. A metodologia utilizada consistiu em estudos bibliográficos sobre o referido tema, e os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, realizada com quatro jovens operários-educandos, na faixa etária entre 25 e 29 anos. As análises das entrevistas foram realizadas segundo a perspectiva foucaultiana da Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Os resultados nos possibilitaram identificar os seguintes enunciados referentes ao perfil do educador para atuar na EJA: profissional paciente; profissional participativo e atento ao esclarecimento das dúvidas dos educandos; profissional extrovertido e atencioso; e profissional que exercite a prática da escrita e na leitura junto os alunos. As conclusões evidenciam que, nos discursos dos operários-educandos da construção civil, os enunciados sinalizam para as seguintes formações discursivas: Educação Popular, e Pedagogia Sociocultural e Humanista.

**Palavras-chave:** EJA; Perfil do Educador; Discurso.

<sup>1</sup> Artigo resultante de pesquisa em nível de iniciação científica (CNPq-PIBIC-UFPB-2016-2017).

<sup>2</sup> Doutor em Educação; professor do Departamento de Fundamentação da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba; professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE – UFPB); coordenador do Projeto Escola Zé Peão e do Grupo de Estudos e Pesquisa Educação de Jovens e Adultos e Diversidade (GEPEJAD-UFPB-CNPq). E-mail: eduardojorgels@gmail.com

<sup>3</sup> Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq-UFPB-2016-2017); estudante do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Campus I da UFPB. E-mail: liliannelira@gmail.com

<sup>4</sup> Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq-UFPB-2016-2018); estudante do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Campus I da UFPB. E-mail: gessicalima0307@gmail.com

**Abstract:** This article aimed to identify statements in the discourses on the profile of educators to act in the Youth and Adult Education (EJA) modality, of young learners-workers. This is a qualitative research project, whose project was the Projeto Escola Zé Peão (PEZP), an extension project in partnership between the Federal University of Paraíba-Campus I / Education Center and the Union of Workers in the Construction Industries Civil, Heavy, Assembly and Furniture of João Pessoa and Regions (SINTRICOM). Theoretically, the research was based on the studies Freire (2005), Resende (2004), Silva (2011), Arroyo (2005) among others and the pertinent legislation. The methodology used consisted of bibliographical studies on the subject and the data were collected through a semistructured interview with four young workers-students, between 25 and 29 years of age. The analyzes of the interviews were carried out according to the Foucaultian perspective of the Archaeological Analysis of Discourse (AAD). The results enabled us to identify the following statements referring to the profile of the educator to act in the EJA: patient professional; Professional participant and attentive to clarify the doubts of the students; Professional who is outgoing and considerate; And, professional that exercises the practice of writing and reading in students, in addition to teaching and explain very well the subjects taught. Our conclusions led us to seek in the discourses of these workers-learners the statements that lead us to certain fields of knowledge and pedagogic discourses, such as Popular Education, Sociocultural and Humanist Pedagogy.

**Keywords:** EJA; Educator Profile; Discourse.

## Introdução

O Projeto Escola Zé Peão é fruto da parceria entre o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil, Pesada, Montagem e do Mobiliário de João Pessoa e Regiões (SINTRICOM) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB)/Centro de Educação (CE), Campus I. Desde 1991, funciona a serviço da luta pelo processo de alfabetização dos operários da construção civil, na cidade de João Pessoa – PB, visto que a maioria dos operários era analfabeta ou possuía escolarização primária incompleta<sup>5</sup>, configurando, assim, dificuldades de atuação e de envolvimento destes nas ações de um sindicato dito democrático e participativo. Em virtude disso, a classe trabalhadora e a classe patronal negociaram a instalação de salas de aulas para alfabetização naqueles canteiros onde se alojavam operários, com o propósito de garantir o direito à educação básica.

Uma das particularidades desse Projeto é que as salas de aulas estão implantadas no próprio canteiro de obras, isto é, no próprio local de trabalho dos operários-educandos, facilitando, dessa maneira, o acesso à escolarização, bem como atendendo a uma especificidade de um dado perfil de educandos da modalidade em tela.

Os programas de ensino-aprendizagem do Projeto Escola Zé Peão são organizados em dois: **Alfabetização na Primeira Laje** (APL), destinado àqueles que não são alfabetizados, e **Tijolo Sobre Tijolo** (TST), voltado para aqueles que possuem certo de nível de escolarização, ou seja, alfabetismo rudimentar<sup>6</sup>. Há ainda outros quatro programas complementares à prática

<sup>5</sup> Atualmente, corresponde aos anos iniciais do ensino fundamental.

<sup>6</sup> Conforme Grupo Classificado na Escala de Proficiência do Instituto Paulo Montenegro, 2016, p. 4.

pedagógica do Projeto: 1) **Varanda Vídeo**; 2) **Biblioteca Volante**; 3) **Arte-educação**; e, por fim, 4) **Programa de Atividades Culturais**. Todos esses programas estão ligados por um ponto em comum, isto é, contribuir para a ampliação da visão de mundo desses educandos, bem como para a sua aproximação com outros contextos socioculturais, aos quais não tiveram oportunidade de acesso (Silva, 2011).

Assim como as escolas têm um Projeto Político-Pedagógico (PPP), a escola Zé Peão também dispõe de uma proposta político-pedagógica. Segundo Resende (2004, p. 91), no PPP, “ficam resgatadas a identidade da escola, sua intencionalidade e a revelação de seus compromissos”. Sabendo disso, os princípios que guiam as práticas do PEZP denunciam sua visão de mundo, de homem, de sociedade e de educação<sup>7</sup>. São eles: **Princípio da Contextualização** – visa que a prática educativa de alfabetização para os educandos-operários da construção não pode desconsiderar a realidade de vida deles, devendo atentar para as condições de vida dos educandos e, em especial, para as condições do processo da sua inserção no mundo do trabalho; **Princípio da Significação Operativa** – busca a coerência entre “o que se faz” e “como se faz”, em prol da superação entre o desejado e o possível, dada as circunstâncias; e **Princípio da Especificidade Escolar** – defende o compromisso da escola com o ensino dos operários-educandos, destacando que o PEZP trabalha com os saberes escolares. Segundo Silva (2015, p. 41),

o PEZP deixa claro que não se configura como uma escola sindical, mas em uma instituição escolar cuja função social é alfabetizar os operários da indústria da construção civil, considerando este processo como parte integrante da qualificação profissional para este contingente de trabalhadores e como dispositivo para a formação e o exercício da cidadania plena.

Sabendo disso, pensemos sobre como se dá a formação docente para atuar e atender pedagogicamente aos jovens operários-educandos do PEZP, a partir desses princípios que existem e enunciam a metodologia de trabalho desenvolvida pelo PEZP.

Ao observar o leque de interesses de pesquisadores, a formação de professores para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), demarcada pelo paradigma da Educação Popular (EP), não se constitui em um objeto de abrangência investigativa frequente, mas é algo pontual, pois as pesquisas que elegem a EJA como seu objeto de estudo, bem como a formação do educador para esta modalidade de educação básica nacional, ainda são ínfimas em quantidade (Haddad et al., 2000; André *et al.*, 1999; André, 2004; Andrade, 2006). Em levantamento nos sites de Programas de Pós-Graduação em Educação, Silva (2011) nos apresenta as seguintes constatações: a investigação sobre a formação do educador popular para a EJA ainda não se constitui em foco privilegiado de interesse entre os pesquisadores da região Nordeste; quando o foco incide sobre a formação do professor da EJA, as pesquisas, em sua maioria, têm manifestado um maior interesse em experiências que se realizam pelo poder governamental (aquelas ministradas pelos estados e/ou municípios); os dados também enunciam certo interesse dos pesquisadores em programas (estatais ou sob a responsabilidade de organizações da sociedade

<sup>7</sup> Esses princípios foram sistematizados por Vera Esther Jandir da Costa Ireland (2017).

civil) e a contribuição destes para a formação de professores. Observam-se, ainda, algumas pesquisas com o foco em experiências que possuem caráter de extensão universitária, em parceria com movimentos sociais populares e na sua contribuição para a formação de professores.

Nesse sentido, podemos justificar que compreender um dado perfil de educador para atuar na EJA, obtido a partir dos discursos de educandos dessa modalidade, em um dado projeto de educação popular, faz-se necessário como elemento capaz de nortear a formação destes educadores. Por esta razão, inferimos que é possível se aproximar do perfil ideal de educador para o PEZP.

Para reforçar a questão, Arroyo (2005) anuncia este perfil. Com base nele, defende que o educador deve levar em consideração as trajetórias socioformativas, para não dizer humanas, dos educandos da EJA. Tais trajetórias constituem-se em um norte para se repensar a formação (inicial e continuada) do professor para essa modalidade de educação. Isto porque, historicamente, a EJA se enquadra no campo da luta por direito à educação, por trabalhar com educandos que possuem realidades de vida diversas. Assim, a EJA não pode ser concebida fora do mundo concreto dos sujeitos. Para isso, contudo, há algo imprescindível, a valorização do saber popular como norte da formação do educador, discurso, este, recorrente na perspectiva da Educação Popular.

A proposição de Freire (2005) acerca desse tema é de que os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam à escola devem ser respeitados na prática pedagógica do educador. Igualmente, deve ser “discutida com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos” (Freire, 2005, p. 30).

Para isso, deve-se conceber a EJA como um campo rico da inovação da “teoria pedagógica”. A “EJA tem sido um campo de interrogação do pensamento pedagógico [a partir da percepção da] especificidade das trajetórias dos jovens-adultos” (Arroyo, 2005, p. 36). Dentre as tantas interrogações, destaca-se a rejeição às práticas pedagógicas que têm transferido os procedimentos aplicados às crianças para este contingente de educandos. A ação de transferência se reflete no tipo de recursos didáticos utilizados de modo insatisfatório, impróprio ou mal adaptado para o perfil de educandos, no linguajar infantilizado do educador, no mobiliário inadequado da sala de aula e numa metodologia de ensino pedagogicamente desajustada.

A peculiaridade da EJA, e ainda mais do PEZP, contribui para que se possa inovar com os educandos, em sala de aula e na escola, não se limitando às circunstâncias adversas. Contudo as diversas e variadas experiências de EJA, no país, originárias dos movimentos sociais, têm procurado construir suas práticas pedagógicas de modo que sua especificidade seja preservada. A maioria destas experiências não se enquadra no modelo do sistema escolar oficial, ou seja, na forma linear do pensar e do fazer pedagógico. Em outras palavras, na lógica da razão instrumental, muito presente na organização do nosso sistema escolar. Portanto, pensar a EJA como um campo rico de inovação da teoria pedagógica implica também pensar como pode ela contribuir para a formação de professores direcionada a esta modalidade de educação.

Quem são e qual a origem dos jovens operários-educandos do PEZP que participaram desta pesquisa? O educando jovem e adulto é o fio condutor da formação de professores para a EJA – afirma Silva (2011) –, sendo, portanto, também, o mais apto para poder falar sobre o perfil de educador adequado para

ensinar-lhe nessa modalidade. Para traçar o perfil desses jovens operários-educandos, utilizamo-nos dos próprios discursos destes sujeitos, quatro no total, com atuação em dois canteiros de obras diferentes, localizados na cidade de João Pessoa – PB.

A maioria dos alunos-operários da indústria da construção civil são, sobretudo, serventes que, além de constituir o maior número nos canteiros de obras, são os mais afetados pela precariedade de escolarização e de qualificação profissional. Consequentemente, “os alunos-operários da Escola são, em sua grande maioria de origem rural, do sexo masculino, de baixa renda, relativamente jovens, pouco qualificados e com baixo nível de escolarização formal” (Ireland et al., 1998, p. 12). A média da idade destes operários-alunos está acima dos 30 anos, e a média de estudos entre 5 e 6 anos (Dieese, 2001).

A relevância de se fazer um estudo sobre a formação do educador para a EJA, segundo o foco da Educação Popular, a partir dos discursos de jovens e adultos trabalhadores, se justificou ainda, pelos seguintes motivos: a) a existência histórica e heroica de várias experiências de EJA, promovidas por entidades vinculadas aos movimentos sociais; b) ser esta uma oportunidade de fazer ciência em torno da formação de educadores para esta modalidade de educação básica nacional; c) a existência de poucas universidades que se preocupam com a formação inicial para a EJA (Brasil/Mec/Secad, 2008); d) a ausência de uma política específica de formação de educadores para a EJA e a sua marginalidade frente às demais modalidades educativas; e) os poucos recursos didáticos existentes e a abertura de escolas para atender à especificidade deste contingente de educandos; f) e, ainda, oportunizar que jovens e adultos trabalhadores expressem sua opinião sobre o perfil de educador para atender às suas necessidades formativas escolares.

Nossa hipótese partiu do pressuposto de que os educandos jovens e adultos trabalhadores da construção civil de João Pessoa possuem, em seu discurso, um perfil de educador popular, o qual pode nortear a formação dos estudantes das diversas licenciaturas da UFPB para atuar na EJA, em especial no PEZP.

### **Considerações sobre a Análise Arqueológica do Discurso**

As informações coletadas foram analisadas segundo a perspectiva foucaultiana de Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Essa forma de abordagem se refere a um modo específico de se conhecer como os homens têm produzido seu saber sobre os fenômenos, as coisas existentes no corpo social, a partir das práticas discursivas. Conforme assevera Foucault (2008, p. 25), a “análise arqueológica é a análise da maneira [...] pela qual os objetos são constituídos, os sujeitos se colocam, e os objetos se formam”.

A AAD trabalha com textos criteriosamente escolhidos, a partir do estabelecimento de um corpus material, isto é, a partir das coisas ditas, expressas em um determinado tempo e lugar, como algo possível de aparecimento naquele dado momento, ou “como práticas sociais que constituem os modos de existência não só de pessoas, como também de instituições” (Oliveira, 2007, p. 1). Tratou-se, então, de analisar o discurso, a partir de um dado lugar enunciador, concernente à formação de professores de EJA, na perspectiva da EP, com base nos discursos de educandos jovens e adultos

trabalhadores. O discurso compreende “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” (Foucault, 2008, p. 135).

O discurso é a arte da comunicação verbal, a fala. É no discurso que o indivíduo revela a sua formação, educação, caráter e estirpe. Para Foucault (2008), o discurso não é apenas um sistema de signos, mas também práticas discursivas e não discursivas de determinados tipos, pois o discurso é um lugar de lutas permanentes, lutas discursivas que ocorrem dentro das relações de poder. É ele o responsável pela subjetivação do sujeito, ou seja, o discurso “cria” o sujeito.

Outra característica do discurso é que ele possui uma intencionalidade. Os sujeitos discursam com uma “vontade de verdade”, ou seja, compreende a intencionalidade de um dado discurso em se apresentar como verdadeiro. Ou seja, “essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder e coerção” (Foucault, 2000, p. 18).

Encontramos os enunciados dentro dos discursos. Contudo eles são raros, haja vista que são expressos em determinado momento e lugar, possuem contornos muitos específicos e, também, produzem subjetividade. O enunciado é definido por Foucault (2008, p. 98) como

uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). [...] ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço.

Amplamente, os enunciados são “[...] coisas que se transmitem e se conservam, que têm valor, e das quais procuramos nos apropriar; que repetimos, reproduzimos e transformamos, para as quais preparamos circuitos preestabelecidos” (Foucault, 2008, p. 136). Além dessa característica, vemos também que não há enunciado que não suponha outros, porquanto que eles estão envoltos num campo de coexistências.

O enunciado [...] desde sua raiz, ele se delinea em um campo enunciativo onde tem lugar e *status*, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhes abre um futuro eventual. Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio de outros, nele se apoiando e nele se distinguindo [...]. (Foucault, 2008, p. 111-112).

Nas análises dos discursos aqui em tela, os enunciados nos remeteram ao campo discursivo pedagógico, identificando, portanto, que um dos campos associados é o da Educação. Também destacamos e aproximamos os lugares enunciativos que esses discursos se encontravam, pois vimos que o discurso popular se relaciona bastante com o discurso acadêmico de cunho progressista.

A AAD foi importante nas nossas análises por ter como ponto de partida a linguagem, para a investigação dos discursos, uma vez que a partir das entrevistas realizadas foi possível captar muito do que expressaram os sujeitos

entrevistados e da vontade de verdade expressas nos discursos dos educandos. Vale ressaltar que nenhum discurso proferido pelos sujeitos entrevistados é neutro, porquanto é uma forma que criaram para interagirem com a realidade (Silva, 2014).

Identificamos, nas entrevistas, que os operários-educandos também possuem um discurso construído em torno dos educadores populares. Dentro desses discursos extraímos os seguintes enunciados referentes ao perfil de educador para a EJA, a partir da Escola Zé Peão: profissional paciente; profissional participativo e atento para esclarecer as dúvidas dos educandos; profissional que seja extrovertido e atencioso; profissional que exercite a prática da escrita e leitura nos alunos, e, profissional que ensina e explica bem o conteúdo.

A seguir, de maneira mais detalhada, apresentamos os resultados e as discussões, a partir do enunciado evidenciado nos discursos dos educandos-operários, objeto em foco neste artigo. Porém expomos um dado enunciado, por intermédio do qual o operário-educando revela seu motivo de estar na escola.

### “Ser alguém na vida”

Percebemos, nos discursos dos operários-educandos, que muitos anseiam e são motivados a aprender mais para “ser alguém na vida”. Esse ponto é suscitado por um questionamento realizado na entrevista de um deles:

**Pesquisadora:** *Como a professora motiva você a estar frequentando a aula?*

**Ricardo (25 anos):** *A ser mais alguém na vida, né? Pra aprender mais.*

**Pesquisadora:** *Ela incentiva você?*

**Ricardo (25 anos):** *Com certeza, ela incentiva até a gente a fazer faculdade, um dia, né? Chegar lá!*

O sujeito, para Foucault (2008), é identificado pela posição ou status ocupado e socialmente legitimado. Esse sujeito está submetido à ordem do discurso estabelecida pela sociedade, existindo dentro de relações de poder. Para melhor compreensão dessa ideia, vejamos o exemplo que esse estudioso apresenta sobre o discurso dos médicos:

*O status do médico compreende critérios de competência e de saber; [...] condições legais que dão direito – não sem antes lhe fixar limites – à prática e à experimentação do saber. [...]. É, em geral, bastante singular em todas as formas de sociedade e de civilização: ele não é, quase nunca, um personagem indiferenciado ou intercambiável. A fala médica não pode vir de quem quer que seja; [...]. É preciso descrever também os lugares institucionais de onde o médico obtém seu discurso, e onde este encontra sua origem legítima e seu ponto de aplicação. [...]. Esses lugares são, para nossa sociedade, o hospital (Foucault, 2008, p. 56-57).*

A partir desse exemplo, fica mais fácil pensarmos no status de um jovem operário-educando do PEZP, uma vez que se compreende que quem discursa é um sujeito em processo de alfabetização ou pós-alfabetização; portanto, pouco qualificado para exercer funções de prestígio na sociedade, ocupando o lugar de operário da construção civil que enxerga a sala de aula como espaço de aprender a

“ser alguém na vida”. Esse discurso ratifica e propaga os outros discursos sobre o que significa ser alguém na vida. Sugere que são aquelas pessoas que, após percorrer um caminho de muitos estudos, ingressam num curso de graduação na Universidade que lhes possibilite a oportunidade de um bom emprego.

E, assim, quem optar por viver de outra forma – por exemplo, trabalhando na roça, sem muitas oportunidades e condições de estudo –, este não será considerado “mais alguém na vida”. Todavia é importante frisar: “o sujeito do enunciado não é o sujeito da frase, como também não é o seu autor. Ele é uma função vazia onde diferentes sujeitos podem vir tomar posição e, assim, ocupar esse lugar quando formulam o enunciado” (Machado, 1988, p. 168, apud Silva, 2014, p. 152).

As descrições dos sujeitos operários-educandos do PEZP nos levam a retratá-los como pessoas pobres, analfabetos, agricultores e migrantes de origem do campo. Em sua maioria, eles possuem um nível de escolaridade baixo e são desprovidos de uma qualificação profissional para o mercado de trabalho urbano, restando a eles submeterem-se a empregos penosos, de baixa remuneração, além de ficarem suscetíveis ao desemprego. Enquanto essas descrições dos operários-educandos da construção civil forem sendo materializadas por eles mesmos, esse discurso será legitimado.

### “Profissional paciente”

**Quadro 1** – Perfil do profissional paciente com os alunos

SUJEITO	DISCURSO	ENUNCIADO	DISCURSO PEDAGÓGICO
<b>Gilvandro (29 anos)</b>	<i>“É ter paciência com os alunos e vim disposta pra ensinar a gente.”</i>	Profissional paciente com os alunos	“Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja ‘promoção’ da ingenuidade não se faz automaticamente.” (Freire, 2005, p. 29). “Nunca se ocupava senão de uma só matéria de cada vez e nela fazia incidir todas as forças da sua



			mente.” (Comenius, 1957, p. 216).
--	--	--	-----------------------------------

Identificamos, nesse enunciado, que a paciência é um elemento importante na composição do perfil do professor para atuar no PEZP, uma vez que a história de vida dos educandos e o seu longo período distante da escola exigem, enquanto característica pessoal do educador, paciência.

A leitura que fizemos do enunciado, pela sua exterioridade, levou-nos a estabelecer relações com o discurso acadêmico pedagógico – seja o de Paulo Freire, seja o de Comenius –, como pode ser observado no quadro acima.

Ratificamos que a citação extraída do livro **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa, de Paulo Freire, tem uma relação indireta com o enunciado da paciência, uma vez que é necessário *o respeito ao senso comum do educando e o estímulo à promoção da consciência crítica*, enfatizando-se que esta não se constrói automaticamente, ou seja, demanda um tempo para que isso aconteça. Portanto, o processo de ensino-aprendizagem dos jovens educandos, dada a condição destes, requer tempo e paciência por parte do educador.

Outro fator importante a ser discutido é se a quantidade de disciplinas que esses jovens trabalhadores têm de cursar não os sobrecarrega. Isso porque é relevante ter conhecimento sobre as capacidades e as limitações dos educandos, visto que o perfil deles é de sujeitos que tiveram uma escolaridade limitada e que precisaram abandonar os estudos ainda muito cedo para trabalhar. Por essa razão, suas habilidades e competências relativas aos estudos acabam sendo afetadas negativamente. É importante, pois, abordar um conteúdo de cada vez, para que os educandos possam compreender melhor os conteúdos ministrados, dentro do seu ritmo de aprendizagem. Diante disso, fica evidente que, nesse processo, a paciência é fundamental para transmitir e aprofundar os conhecimentos.

Além de ser um profissional paciente, para atuar com os educandos do PEZP, o educador também precisa ser participativo e estar disposto a dirimir as dúvidas apresentadas por cada um deles. Ressaltamos, portanto, que este enunciado constará no quadro a seguir.

### “Profissional participativo e atento a esclarecer as dúvidas dos educandos”

**Quadro 2** – Profissional participativo

SUJEITO	DISCURSO	ENUNCIADO	DISCURSO PEDAGÓGICO
<b>Ricardo (27 anos)</b>	<i>“O que não deveria ter é aquele professor que chega na aula e nem fala com o aluno, não chega</i>	Profissional participativo e que busca tirar as dúvidas de cada aluno.	“O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa,

<i>junto pra ensinar, e é falando lá e pronto, quem entendeu bem e quem não entendeu fica daquele jeito mesmo. ”</i>		indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve.” (Freire, 2005, p. 86).
--	--	--

Enquanto característica da ação metodológica, o enunciado aqui em destaque é recorrente no âmbito acadêmico, bem como faz parte do próprio Projeto Político-Pedagógico do PEZP, visto que ele é, também, uma tentativa de superação de uma prática educativa bancária por uma prática educativa libertadora ou problematizadora, na qual os educandos jovens e adultos possam ter vez e voz no percurso educativo (Silva, 2014). A citação de Paulo Freire em destaque remete-nos exatamente a isso, que este perfil de educador não deve basear sua metodologia de ensino em abordagens tradicionais, mas sim em outras, como a abordagem sociocultural.

A educação dentro dessa abordagem, segundo Mizukami (1986), objetiva provocar e criar condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica entre educadores e educandos, comprometida com a ação. E ela se dá, enquanto processo, em um contexto que deve ser levado em conta, tendo em vista que nenhuma educação é neutra, mas política. A relação educador-educando é horizontal, e não imposta. É, portanto, através dos diálogos que esses sujeitos procuram criar as condições para que a consciência ingênua seja superada.

No quadro seguinte, apresentamos o perfil do educador extrovertido, conforme enunciado identificado nos discursos.

### “Profissional extrovertido e atencioso”

**Quadro 3** – Profissional extrovertido

SUJEITO	DISCURSO	ENUNCIADO	DISCURSO PEDAGÓGICO
<b>Gilvandro (29 anos)</b>	<i>“É bem extrovertida ela. ”</i>	Extrovertida /Brincahona	“A alguns não falta a aptidão para os estudos, mas a vontade; e obrigá-los a estudar contra a vontade é, ao mesmo tempo, enfadonho e inútil. [...] E se se demonstrar que a causa do desgosto pelo estudo são os próprios professores? ” (Comenius, 1957, p. 171-172).
<b>Gabriel (25 anos)</b>	<i>“Ela gosta muito de brincar, sabe? Quem gosta das brincadeiras é bom, né? ”</i>		

			“É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. ” (Freire, 2005, p. 142).
--	--	--	---

Enquanto característica pessoal – e podemos dizer também que parte da ação metodológica –, o enunciado de uma professora extrovertida/brincalhona são fundamentais para compor o perfil do educador para atuar no PEZP, uma vez que a descontração e o dinamismo estimulam ainda mais o educando a querer e ter vontade de estar presente nas aulas, visto que ele não vê a aula como enfadonha ou cansativa, mas, sim, como um lugar tanto para aprender quanto para “relaxar” e se divertir, depois de um dia de trabalho. É possível identificar essa questão nos seguintes fragmentos dos discursos dos sujeitos, quando questionados sobre o porquê de a professora e a aula serem “boas”:

*Ela gosta muito de brincar, sabe? Quem gosta das brincadeiras é bom, né?* (Gabriel, 25 anos).

*Como são as aulas? É... as aulas são boas! Dá pro cabra aprender muita coisa, além dela explicar muito, muito bem, tem paciência com a gente. Às vezes, a gente fica com muita brincadeira e ela dá o jeitinho dela de dar o puxãozinho de orelha pra chamar atenção pra o que ela tá explicando e só.* (Gilvandro, 29 anos).

No quadro acima, destacamos os discursos pedagógicos, justamente por este questionamento que Comenius suscita: “E se se demonstrar que a causa do desgosto pelo estudo são os próprios professores? ” Essa indagação é extremamente importante para compreendermos o imaginário e as motivações dos educandos do PEZP, não atribuindo a falta de interesse tão somente a eles, mas também à postura dos educadores. É possível que muitos outros operários da construção civil não busquem a escola Zé Peão porque já tiveram educadores que desestimulavam os próprios alunos.

Dispomos de alguns discursos sobre esse tipo de professor que eles conheceram e destacaram como o tipo de professor ruim para ensinar-lhes:

*Chegar de mau humor na sala de aula e querer descontar no aluno, e os problemas de cada um deixa em casa, né? Que trazer pra cá, a gente não quer saber problema de ninguém, a gente tá aqui pra aprender, e não ouvir os problemas dos outros, só depois da aula, se quiser desabafar, aí sim a gente pode querer escutar, um mau exemplo de professor, eu acredito que seja isso.* (Gilvandro, 29 anos).

Segundo esse discurso, vemos como o mau humor caracteriza o perfil de um professor ruim, e como isso pode interferir na qualidade do ensino e na aprendizagem dos alunos, haja vista que esse mau humor poderia ser descontado neles, prejudicando, dessa maneira, o bom relacionamento entre professor e aluno na sala de aula. Portanto, tendo em vista os malefícios causados por esse

tipo de procedimento no processo de ensino-aprendizagem, o enunciado de um profissional extrovertido/brincalhão pode ser confirmado como importante e necessário ao perfil do educador da EJA, considerando que os enunciados sobre esse profissional se repetem no discurso de dois alunos em torno do que seria um bom professor para eles.

### “Profissional que exercite a prática da escrita e da leitura nos alunos”

**Quadro 4** – Profissional que passa muitas atividades para o exercício da escrita e da leitura

SUJEITO	DISCURSO	ENUNCIADO	DISCURSO PEDAGÓGICO
<b>Leôncio (29 anos)</b>	<i>“É muitas coisas, né? Que passa muita atividade pra gente ler, que passa dever pra gente, pra gente escrever, que ensina bem, né? Que passa muita leitura.”</i>	Professor que passa muitas atividades para os alunos exercitarem a escrita e leitura	“Habituar os alunos a transcrever, nos seus cadernos diários, tudo o que ouvem e também o que leem nos livros, porque assim, não só se ajuda a imaginação, mas também mais facilmente se exercita a memória.” (Comenius, 1957, p. 246).

Segundo esse discurso, um bom professor se enquadra no perfil daquele que aplica muitas atividades para o exercício da escrita e da leitura. Essa metodologia é encontrada majoritariamente em educadores que se fundamentam na abordagem tradicional do ensino, em que a assimilação, a repetição e a memorização são aspectos fundamentais no processo de ensino-aprendizagem.

Contudo foi possível compreender o motivo de essa diferença aparecer, a partir da informação que temos do próprio sujeito enunciador, considerando que ele, operário-educando do projeto “Alfabetização na Primeira Laje” (APL), encontra-se em condição de analfabetismo. Faz-se mais relevante que, em sala de aula, o professor repasse atividades que possam habilitá-lo para a leitura e a escrita. Todavia há um destaque a ser feito: não basta apenas o professor passar atividades para os educandos, exige-se dele explicar com competência o conteúdo. O professor não pode ser um mero transmissor de atividades, mas um profissional que centre sua atenção nos seus alunos, buscando conhecer as dificuldades de cada um e, assim, mediar a aprendizagem dos discentes, solucionando suas dúvidas e esclarecendo melhor o conteúdo dado.

Dessa forma, vale salientar que, nesse discurso, aparece outra característica do educador, presente em outro tipo de abordagem, a

sociocultural, segundo a qual o papel do educador é de mediador no processo de ensino-aprendizagem.

### “Profissional que ensina e explica bem o conteúdo”

**Quadro 5** – Profissional que ensina e explica bem o conteúdo

EDUCANDO	DISCURSO	ENUNCIADO	DISCURSO PEDAGÓGICO
<b>Gabriel (25 anos)</b>	<i>“É atenção e saber explicar, né?”</i>	Ensina e explica bem o conteúdo	<p>“Tudo aquilo que deve ser aprendido pelos alunos deve ser-lhes apresentado e explicado tão claramente, que o tenham presente como os cinco dedos das próprias mãos. ” (Comenius, 1957, p. 245)</p> <p>“O professor deverá procurar todos os caminhos de abrir a inteligência e fazê-los percorrer de modo conveniente. ” (Comenius, 1957, p. 218.)</p> <p>“Faz-se violência às inteligências se obrigam a fazer as coisas que primeiro não foram explicadas, esclarecidas e ensinadas muito bem. ” (Comenius, 1957, p. 243)</p>

Enquanto característica metodológica, para que o educador cumpra esse papel de ensinar e explicar bem os conteúdos ministrados, é fundamental que ele conheça métodos diversos relacionados à Educação de Jovens e Adultos, bem como apresente certas habilidades e boa flexibilidade para atentar satisfatoriamente para os problemas de entendimento acerca do que está sendo ensinado que alguns alunos, porventura, possam apresentar.

Pensando no professor do programa APL da Escola Zé Peão, destacamos o método das palavras geradoras, formulado por Paulo Freire e que o PEZP já utiliza, em virtude de ser um bom recurso para o ensino da alfabetização. Esse método aproxima o educando da sua própria realidade, à medida que faz o emprego de palavras significativas dentro do contexto em que vivem. Moacir Gadotti divide esse método em três etapas distintas. A primeira

delas é a **etapa da investigação**, na qual se dá a descoberta do universo vocabular dos alfabetizados, das palavras e temas geradores.

Essas palavras geradoras são selecionadas em função da riqueza silábica, do valor fonético e principalmente em função do significado social para o grupo. A descoberta desse universo vocabular pode ser efetuada através de encontros informais com os moradores do lugar em que se vai trabalhar, convivendo com eles, sentindo suas preocupações e captando elementos de sua cultura. (Gadotti, 1991, p. 39).

A segunda é a **etapa da tematização**, em que “são codificados e decodificados os temas levantados na fase de tomada de consciência, contextualizando-os e substituindo a primeira visão mágica por uma crítica e social” (Gadotti, 1991, 39). Por fim, há a **etapa da problematização**, em que se percebe que o objetivo final desse método é a conscientização. Uma vez o educando tendo sido alfabetizado, saber ler e escrever torna-se um instrumento de luta permanente, constituindo-se essa educação para a libertação um meio de transformar a realidade. Nesse sentido, reforça-se a tese de que o ato de ensinar deve ser algo dinâmico, criativo, ético e político (Freire, 2007). O professor deve explicar muito claramente o que deve ser aprendido pelos alunos, bem como buscar todos os caminhos para que ocorra um aprendizado significativo para eles, como também buscar um método que se aproxima bastante da realidade desse mesmo educando. Isso facilita e ajuda na compreensão do que é ensinado, pelo fato de ser algo familiar e que faz parte do seu dia a dia.

No livro **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa, identificamos algumas competências básicas que devem constituir o perfil do educador para atuar na EJA: ensinar exige pesquisa, reflexão crítica sobre a prática, corporeificação das palavras pelo exemplo, generosidade; exige consciência do inacabamento, ética e estética, respeito à autonomia do ser educando, bom senso e disponibilidade para o diálogo, saber escutar. Ensinar exige humildade, querer bem aos educandos, alegria e esperança (Freire, 2005).

Muito além de querer buscar nossas próprias explicações sobre o que é ensinar bem, questionamos os próprios entrevistados sobre o que eles entendiam sobre esse assunto, e obtivemos as seguintes respostas:

*Saber explicar direitinho, explicar um assunto e, se a gente não entendeu, explicar várias vezes, uma, duas, três, até a gente entender. E quando não entender, chegar a dizer: ‘não tô entendendo’ e explicar de novo e não dizer: então vamos pra outro assunto e não deixar pela metade. (Gilvandro, 29 anos).*

*É só indo de cadeira em cadeira perguntando, né? Qual é a dúvida que você tem, aí você diz a dúvida que você tem e ela tira. (Gabriel, 25 anos).*

Identificamos, nos discursos acima, mais uma vez, o aparecimento dos enunciados da **paciência** e da **atenção**; a paciência que se deve ter quando o educador do PEZP precisa explicar, mais de uma vez e de outras formas, o assunto, para que o educando aprenda; e a atenção cobrada, individualmente, de cadeira em cadeira. O enunciado do educador atencioso perpassa todos os discursos dos entrevistados. Destacamos três repostas que explicitam essa questão, em alguns discursos de forma mais direta, e em outros, mais indireta:

*Entrevistadora: “O que é um bom professor para você? ”.*

*Gabriel (25 anos): “É atenção e saber explicar, né? ”.*

*Entrevistadora: “E o que é não ser um bom professor para você? ”.*

*Gabriel (25 anos): “É um professor só escrever e fazer do jeito que quer, né? Sem ter explicação, para mim isso daí não é professor não. ”*

*Ricardo (27 anos): “O que não deveria ter é aquele professor que chega na aula e nem fala com o aluno, não chega junto pra ensinar e é falando lá e pronto quem entendeu bem e quem não entendeu fica daquele jeito mesmo! ”*

Por fim, vale ressaltar que tudo que envolve o respeito aos saberes dos educandos, o diálogo como ferramenta principal no processo de ensino-aprendizagem, o saber ouvir, a sensibilidade com as dificuldades apresentadas e a busca do desenvolvimento da capacidade crítica dos sujeitos envolvidos diz respeito ao perfil de um educador atencioso e imprescindível para atuar na EJA.

## Conclusões

Diante do exposto, consideramos importante fazer algumas reflexões sobre o discurso que foi produzido pelos sujeitos operários-educandos da construção civil em torno do perfil do educador. Observamos que há muitas aproximações entre um discurso e outro e que, dentro dessas formações discursivas, há uma grande *vontade de verdade*, pois dentre os variados tipos de discursos produzidos pelos jovens operários-educandos, foram perceptíveis, também, suas angústias e frustrações com antigos professores, bem como as dificuldades e os motivos por terem saído da escola muito cedo. Manifestaram, ainda, as ideias que tinham sobre o perfil do educador que eles desejavam e apreciavam.

A partir da visão do todo, do conjunto das análises feitas dos enunciados dos jovens educandos, temos construído um perfil muito específico do educador para a EJA, mais especialmente para o educador do Projeto Escola Zé Peão. Conseguimos identificar algumas características que devem compor esse perfil em diversas abordagens do processo de ensino, dentre elas a **Abordagem Tradicional**, a **Abordagem Humanista** e a **Abordagem Sociocultural**. Predominantemente, encontramos mais aproximações com a tendência Sociocultural, uma vez que enfatiza aspectos político-culturais, tendo como principal precursor Paulo Freire, autor de muitas obras que defendem a educação popular. Encontramos tal aproximação na tendência Humanista, a partir da leitura do seguinte trecho:

O professor em si não transmite conteúdo, dá assistência, sendo um facilitador da aprendizagem. O conteúdo advém das próprias experiências dos alunos. A atividade é considerada um processo natural que se realiza através da interação com o meio. O conteúdo da educação deveria consistir em experiências que o aluno reconstrói. (Mizukami, 1986, p. 38).

Tendo em vista o objetivo desta pesquisa, apresentamos, então, uma síntese das análises dos enunciados sobre o perfil do educador popular, a fim de atender às necessidades formativas dessa categoria de alunos. É imprescindível que o educador do PEZP seja paciente todo o tempo, reconhecendo bem os limites dos educandos e cobrando deles somente aquilo que lhes é possível,

percebendo-os também como sujeitos de saberes, os quais precisam ser levados em consideração. Além disso, esse educador precisa fazer as devidas relações entre a realidade vivida pelos educandos e as teorias, explicitando o significado e o valor das atividades desenvolvidas pela Escola Zé Peão, pois tudo isso faz parte do ensinar bem e respeitar os educandos; um educador que viva, de fato, uma relação dialógica, que seja participativo e atento a esclarecer as dúvidas dos educandos, sendo humilde para reconhecer que, na sala de aula, tanto o aluno quanto o professor podem aprender um com o outro; um educador atencioso, que saiba ouvir, possuindo a sensibilidade para enxergar as dificuldades e as carências dos educandos. Além do mais, um educador que seja extrovertido, que consiga transformar o ambiente pesado do trabalho em um ambiente leve e descontraído, sendo capaz de trazer alegria para o espaço da sala de aula, após o cumprimento de uma de trabalho.

Em suma, impressiona-nos que o discurso popular desses sujeitos se assemelhe tanto com o discurso acadêmico, visto que, provavelmente, nenhum dos entrevistados tenha tido, antes, algum contato com obras literárias discutidas na Universidade, como as obras de Paulo Freire.

Todavia, segundo as descrições de Foucault (2008, p. 107) sobre a função enunciativa:

Não é preciso, pois conceber o sujeito do enunciado como idêntico ao autor da formulação, nem substancialmente, nem funcionalmente. Ele não é, na verdade, causa, origem ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou oral de uma frase [...]. É lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes (Foucault, 2008, p. 107).

Portanto, não se buscou, nesta pesquisa, analisar o discurso dos sujeitos a partir da sua interioridade, mas sim analisar aquilo que foi posto diante de nós. Dos enunciados sobre o perfil do educador popular que se conservaram e foram transmitidos por aqueles quatro jovens operários-educandos entrevistados, que não discursaram sobre si, nem possuíam um discurso próprio, mas sim, um discurso exterior a eles e que foi sendo construído e legitimado através de processos históricos.

## Referências

Andrade, R. R. M. de. (2006). *A formação de professores nas dissertações e teses defendidas em Programas de Pós-Graduação em Educação entre os anos de 1999 e 2003*. 2006. 82 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo.

André, M. *et al.* (1999). Estado da arte da formação de professores no Brasil. *Educação e sociedade: revista do Centro de Estudos, Educação e Sociedade (CEDES)*, Campinas/SP, n. 68, p. 301-309, dez.

André, M. *et al.* (2004). A formação de professores nas pesquisas dos anos 1990. In: Maciel, Lizete Shizue Bomura; Shigunov Neto, Alexandre (Orgs.). *Formação de professores: presente, passado e futuro*. São Paulo: Cortez, p. 77-96.



Arroyo, M. (2005). Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: Soares, Leôncio; Gianetti, Maria Amélia; Gomes, Nilma Lino (Orgs.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica.

Brasil. (2008). *Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Documento base nacional preparatório à VI CONFINTEA*. Brasília: MEC, março de 2008. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/brasil>>. Acesso em 28 mar. 2008.

Comenius, J. A. (1957). *Didática magna*. Praga: Fundação Calouste Gubenkian.

Dieese. (2001). Os trabalhadores e a reestruturação produtiva na construção civil brasileira: resenha DIEESE, *Estudos Setoriais*, n. 12, fev. 2001. Disponível em: <[http://www.dieese.org.br/esp/listpub\\_setoriais.xml](http://www.dieese.org.br/esp/listpub_setoriais.xml)>. Acesso em: 12 abr. 2010.

Foucault, M. (2008). *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2000). *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução por Laura Fraga de Almeida Sampaio. 6. ed. São Paulo: Loyola.

Freire; P. (2005). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, (Coleção Leitura).

Freire; P. (2007). *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra.

Gadotti, M. (1991). *Convite à leitura de Paulo Freire*. 2. ed. Editora Scipione.

Haddad, S. et al. (2000). *O estado da arte das pesquisas em educação de jovens e adultos no Brasil: a produção discente da pós-graduação em educação no período de 1986-1998*. São Paulo: Ação Educativa. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/portal/>>. Acesso em: 17 jul. 2004.

Instituto Paulo Montenegro. (2016). *Indicador de Alfabetismo Funcional – INAF. Estudo especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho*. São Paulo: Instituto Paulo Montenegro: Ação Educativa.

Ireland, V. E. J. da C. (2017). Alfabetização de Adultos e seus métodos: relato de uma experiência. In: Ireland, T. D.; Silva, E. J. L. da; Araújo, L. M. de. *Aprendendo com o trabalho: 25 anos da Escola Zé Peão*. Jundiaí/SP: Paco.

Ireland, T. D. et al. (1998). *Prêmio educação para a qualidade do trabalho: Projeto Escola Zé Peão*. João Pessoa: [s.d.]. Fotocopiado.

Mizukami, M. da G. N. N. (1986). *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, (Temas básicos de educação e ensino).

Oliveira, C. J. de. (2007). Discursos sobre a matemática escolar: um estudo a partir da Revista Nova Escola. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 30. 2007, Caxambú. *Anais eletrônicos...* Caxambu: ANPEd. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/index.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2008.

Resende, L. M. G. de. (2004). Paradigma – relações de poder – projeto político-pedagógico: dimensões indissociáveis do fazer educativo. In: Veiga, I. P. A. (Org.). *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. 17. ed. Campinas/SP: Papyrus, p. 53-94 (Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico).

Silva, E. J. L.. (2011). *Prática discursiva de formação de professores alfabetizadores de jovens e adultos em uma experiência de educação popular*. 2011. 430 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Silva, E. J. L. da. (2014). A análise arqueológica do discurso em uma lente de pesquisa em educação. *Revista Temas em educação*. João Pessoa, v. 23, n.1, p.148-159, jan.-jun. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rteo/index>>.

Silva, E. J. L. da. (2015). *A Experiência do Projeto Escola Zé Peão na Formação de Professores Alfabetizadores para Educação de Jovens e Adultos*. João Pessoa: Editora da UFPB.